

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, NOVEMBRO/2007 - ANO XI - Nº 130

Foto Arquivo Pró-Memória

EDITORIAL

Preservar a memória é uma forma de construir a história. É pela disputa dessa memória, dessa história, que se comemora, no dia 20 de novembro, o Dia Nacional da Consciência Negra. Nessa data, em 1695, foi assassinado Zumbi, um dos últimos líderes do Quilombo dos Palmares, que se transformou em ícone da resistência negra ao escravismo e da luta pela liberdade. Palmares foi considerado o maior foco de resistência negra à escravidão no Brasil.

Mais de três séculos após a morte de Zumbi, constata-se que o racismo não deixou de existir ou de se manifestar socialmente. Na verdade, a opressão de cor somente se modernizou, assim como a sociedade da opressão modernizou suas formas de dominação.

As diversas organizações ligadas à questão racial têm o dia 20 de novembro como um ponto de convergência para manifestações e reflexões sobre suas formas de luta e atuação por uma sociedade que saiba respeitar, contemplar e congregar as diferenças. Num país multirracial como o Brasil, não se pode esquecer o fundamental papel do negro ao longo de seu processo histórico. Repensar essa questão e a importância do ensino da história africana e afro-brasileira nas escolas é um bom começo para se discutir a questão do negro no Brasil.

O Dia Nacional da Consciência Negra é ocasião para que todos brasileiros e brasileiras que lutam por uma sociedade democrática de fato e igualitária repensem a questão e se unam, buscando maior participação e cidadania para os afro-descendentes e se associem a outros grupos para dizer não ao racismo, à discriminação e ao preconceito racial. Que estejamos unidos, irmanados nessa caminhada pela liberdade e pela consciência da riqueza racial brasileira, num projeto de nação que contemple a diversidade engendrada em nosso processo histórico.



O Jongo, dança de origem africana presente em poucas comunidades do Sudeste Brasileiro, faz parte da história de Piquete. Tombada pelo Iphan como patrimônio imaterial, é uma das manifestações culturais de nossa cidade que se mantém viva e preservada.

Nossas potencialidades culturais

Há 70 anos, no dia 30 de novembro de 1937, foi criado o Iphan, Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura, o Iphan é responsável por preservar a diversidade de contribuições dos diferentes elementos que compõem a sociedade brasileira e seus costumes. Esta responsabilidade implica em preservar, divulgar e fiscalizar os bens culturais brasileiros, bem como assegurar a permanência e usufruto desses bens para a atual e as futuras gerações. Esse Instituto vem preservando parcela significativa do patrimônio cultural brasileiro, salvando do desaparecimento um legado considerável para a cultura nacional. A criação desse organismo federal de proteção ao patrimônio, ao final dos anos 30 foi confiada a intelectuais e artistas brasileiros ligados ao movimento modernista, como o escritor, folclorista e musicista Mário de Andrade.

Mas, afinal, qual é o significado de cultura? Cultura vem a ser o acúmulo de vivências históricas de significados sociais: linguagem, técnicas, valores, fé e gosto construídos coletivamente. Tem relação com a maneira de vestir, morar, edificar, trabalhar, rezar, comunicar e de se interagir. A cultura é viva, flexível e plural, associando, até mesmo, elementos aparentemente divergentes e díspares. Portanto, não é possível

subjugar o conceito à afirmação conservadora e tradicionalista de que a ordem política presente é a única viável, visto que sua modificação vai ao encontro do patrimônio cultural herdado de seus antepassados. A cultura não é estanque: é tudo que o homem adiciona à natureza. Cultura é construção, transformação constante, produto e fator de imanência social. Um povo que perde sua cultura, sua história, sua memória ou seus costumes perde a sua alma, fica sem identidade.

No Brasil, tão vasto, tão amplo, com tantas expressões, com distintas maneiras de ser, de viver, de conviver e de fé múltipla, que vão se modificando de lugar para lugar e a todo o momento, não podemos falar de uma única cultura, mas, sim, de culturas plurais que o formam. Quantas nações existem inseridas em nosso país? Culturas indígenas, africanas, povos europeus... Cada um com suas tradições, línguas, procedimentos, modos de ser e crer que ajudaram a formar este país.

Em Piquete, a Fundação Christiano Rosa vem, há anos, realizando trabalhos de resgate de nossas potencialidades culturais. O mais recente fruto foi uma pesquisa sobre o Jongo em nossa cidade, que contribuiu para o tombamento, pelo Iphan, dessa manifestação cultural, restrita ao Sudeste brasileiro, como patrimônio imaterial.

Imagem - Memória

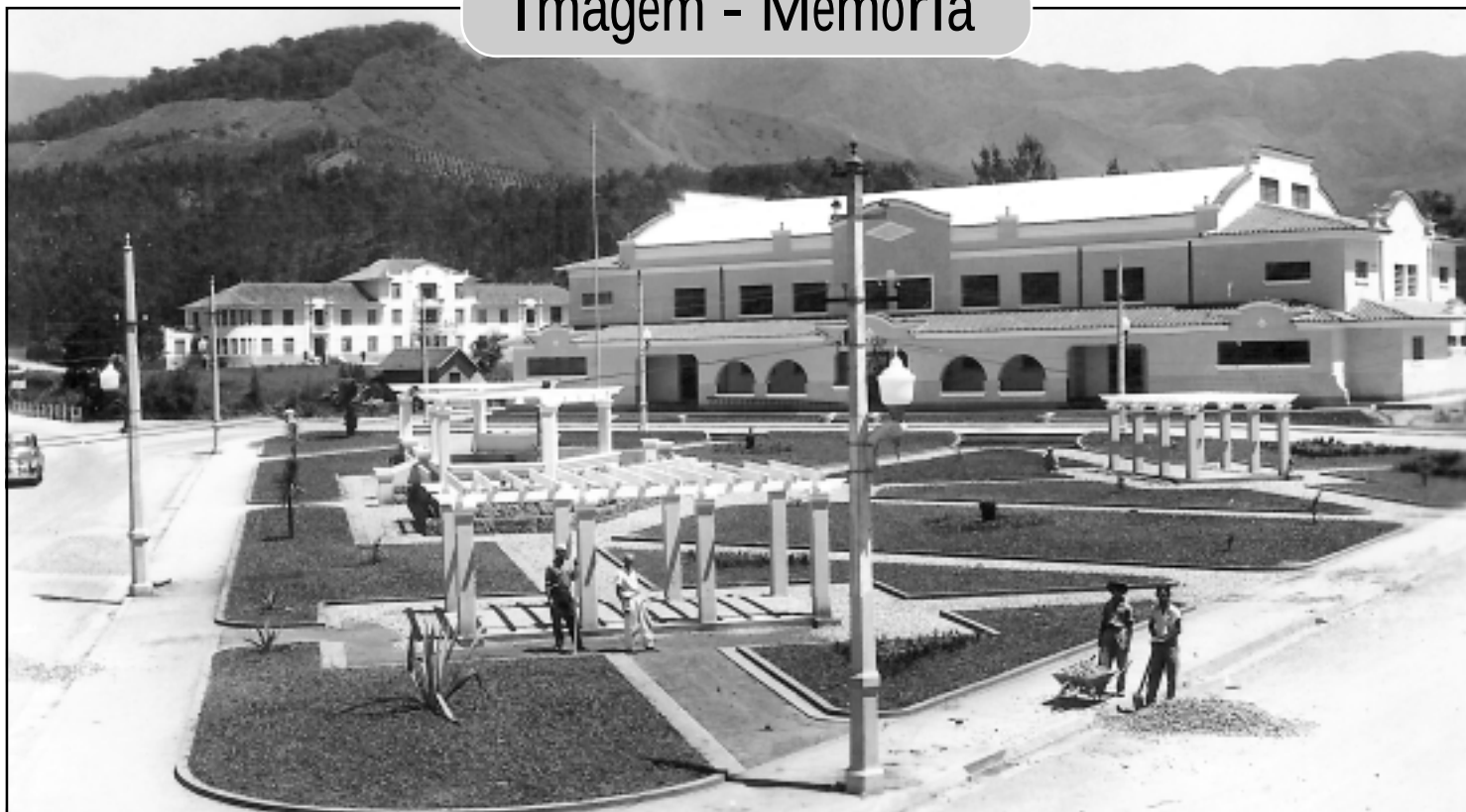


Foto arquivo Pro-Memória

O conjunto arquitetônico de uma cidade - e mesmo edifícios isolados - são registros na paisagem deixados, ao longo dos tempos, por gerações que nos legaram um pouco de sonho de progresso e um tanto de história. Temos o dever moral de preservá-los. Na foto, o registro da finalização das obras de construção da Praça Duque de Caxias inaugurada em 8 de novembro de 1952.

A Praça Duque de Caxias

Marco na paisagem urbana piquetense, o conjunto arquitetônico formado pela Praça Duque de Caxias é um amplo espaço cívico que há 55 anos influencia na qualidade de vida da população, enfocando aspectos físicos, ambientais e de uso. Construída pela Fábrica Presidente Vargas, sua inauguração ocorreu na manhã do dia 8 de novembro de 1952. Esse foi mais um grande presente recebido pelos piquetenses.

Durante os dias que antecederam o evento, enquanto os operários da quarta divisão da Fábrica se esmeravam nos detalhes finais da obra e no ajardinamento, a população, numa ansiedade natural, esperava pela festa. O diretor da FPV, Cel. Almir Autran Franco de Sá, convidou para inaugurar a nova praça o general Waldemar Brito de Aquino: justa homenagem a este militar responsável por grande parte das obras sociais desenvolvidas em Piquete nas décadas anteriores, durante o período em que foi diretor daquela instituição fabril. Durante sua gestão, com a colaboração do major José Pompeu Monte, o gen. Aquino desenvolveu um projeto educacional que transformou Piquete e o tornou referência nacional: criou um departamento educacional com Ginásio, Escola Industrial, Escola Agrícola, Escola Normal e Jardim da Infância. Construiu, também, o hospital, vilas operárias, e foi o responsável por um amplo projeto de urbanização da cidade. Daí a importância de sua presença ao evento.

Querido pela população, seu retorno a Piquete era aguardado com expectativas. No dia da inauguração, desde as primeiras horas

da manhã, a população se dirigia para o local. Às 9h, a Praça, toda enfeitada, se agitava devido aos populares que vinham de diferentes pontos do município. Em formação, lá se encontravam os praças do Contingente e os alunos do Departamento Educacional, assim como representações do operariado. A oficialidade, autoridades civis e religiosas, e também seus familiares davam um tom elegante à festividade.

O general Waldemar Brito de Aquino, ao chegar ao local, foi recebido pelo coronel diretor e seus oficiais, e encaminhado para o interior do "Gymnasium de Esportes Duque de Caxias", que se encontrava repleto de visitantes. Essa obra, devido ao seu tamanho, desde sua construção tornou-se conhecido como Elefante Branco. Sob aplausos, o general Aquino descerrou a placa de bronze dando por inaugurado o prédio. Discursaram na ocasião o cel. Almir Autran Franco de Sá, o tenente Bartholomeu Siqueira de Moraes Ferreira e, finalmente, o general Aquino. Seguiu-se, logo após, a cerimônia de inauguração da Praça Duque de Caxias, alinhando-se toda a oficialidade no coreto de alvenaria, em cujo centro se erigia o busto do patrono do Exército Brasileiro. Hasteada a Bandeira, depois da continência de estilo, desfilaram, com grande entusiasmo, os pracinhas do Contingente e os alunos e alunas do Departamento Educacional. Do programa desportivo inaugural do "Elefante Branco" constaram partidas de basquete e voleibol, em campeonato, com alunos do Departamento Educacional, participando os ginásios diurno e

noturno, com disputa de valiosos prêmios.

A "Pracinha", como se tornou conhecida, é um amplo espaço formado pelo Pórtico da FPV, "Cine Estrela do Norte", "Grêmio General Carneiro" e "Grêmio Duque de Caxias". Ao centro, um coreto ladeado por pérgulas e um bem cuidado jardim. Esse conjunto arquitetônico singular é único no Vale do Paraíba e exemplo de edificação de estilo eclético. É marco de uma época. O caráter simbólico dessa praça e sua ligação com o operariado, os estudantes e toda a população a tornaram um símbolo dos piquetenses. Grandes encontros cívicos foram nela realizados, atraindo grande massa popular, como em 15 de março de 1959, cinquentenário da Fábrica, quando um desfile cívico-militar contou com a presença de toda a população. O mesmo afluxo se deu em 15 de junho de 1991, centenário de Piquete, quando foi palco de memorável desfile.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Marcos R. Rodrigues Ramos

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Dona Zezé Machado

Maria José Machado nasceu em Piquete, em 1924, filha dos antigos jongueiros Pedro Ramos e Maria da Conceição Aparecida Rosa, popularmente conhecida como Conceiçãozinha.

Dona Zezé conta-nos que sua mãe tinha um gosto especial pelo Jongo. Desde pequena conviveu com essa dança e, por isso, sempre participou das rodas.

Recorda-se de antigos jongueiros que dançavam com sua mãe: Lico Teodoro e o casal Benedito e Rosa Generoso – pais de outra afamada jongueira, Terezinha Generoso.

Sua família morou por um tempo no cruzamento da Rua São José com a Rua dos Operários, numa casa de pau-a-pique, em frente da qual havia um grande terreiro. Esse terreiro era referência do jongo na cidade. Com frequência, ali se acendia uma fogueira e, logo após as primeiras batidas dos tambores, jongueiros de vários lugares iam chegando.

“Mamãe era uma ótima repentista”, diz Dona Zezé. “Era considerada a rainha do jongo, pois nunca ficava ‘amarrada’ em nenhum ponto...”. Boa cozinheira, trabalhou na Vila Militar da Estrela e tornou-se conhecida por seus dotes culinários. Fazia questão de lembrar sempre, com orgulho, a ocasião em que cozinhou para Getúlio Vargas, quando de sua visita à Fábrica, em 1939.

Dona Zezé recorda-se de que eram muitos os jongueiros em Piquete e de que havia grandes festas com rodas de jongo nos bairros da Raia e da Estrela, no campo de futebol e no Portão da Limeira, locais onde a mãe, Conceiçãozinha, sempre brilhava. Na década de 1950, muitas festas aconteciam em Piquete, ocasião

Dona Zezé em roda de jongo, em Piquete



em que vinham jongueiros até de Minas Gerais. “Quem trazia esses jongueiros era o Roberto da Silva, filho do João Adão, de Itajubá-MG”, afirma.

Emocionada, Dona Zezé lembra a passagem da morte de sua mãe: “Faleceu em Lorena, por volta de 1966... Quase foi enterrada como indigente naquela cidade. Somente sete anos depois seus ossos foram trazidos para Piquete. Eu e meu filho, Dito Machado, conseguimos essa bênção.”

Sempre alegre, terminou a entrevista com um ponto de jongo:

Galo velho tem catinga

Tem catinga caringá

Galo velho tem catinga, poveria

Tem catinga caringá.

Aos 83 anos, saúde delicada, Dona Zezé resume-se em poucas palavras: “Minha vida é boa... Tenho minha família... Tenho minhas recordações... Sou muito feliz!”.

Viúva desde 1990, de José Machado, com quem se casou em 21 de agosto de 1947, teve 3 filhos, 6 netos e 7 bisnetos. Memória viva do jongo em Piquete, Dona Zezé emociona com sua simplicidade, seus gestos que extravasam sinceridade e seu olhar carinhoso. Na Vila Eleotério há “muitos e muitos anos”, é respeitada como mestra na comunidade negra piquetense. O pouco estudo é compensado pela intensa procura pelo saber; à liderança nata soma-se a experiência de vida, resultando em bons conselhos e exemplos, que distribui aos que a procuram. Dona Zezé, certamente tem muito a ensinar. E o faz com prazer.

Retomada do amor

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Estão longe as festas animadas com a “dança da vassoura”, os “15 anos” com valsas, as marchinhas no Carnaval, o “pêra, uva, maçã...” Esses eram alguns dos métodos usados pelos “antigos jovens” para começar uma “paquera” ou engatar de vez uma conquista... Nas festas de 15 anos – mais produzidas –, era uma honra ser um dos casais a dançar a valsa da aniversariante... Ainda mais se o par fosse o parceiro com quem ainda não se engatara um namoro... A festa era a oportunidade para uma conversa mais íntima, a chance final de conquista... Nas festas mais simples, quantas não foram as discussões quando da entrega da vassoura para a troca de parceiro... No Carnaval, “vou beijar-te agora, não me leve a mal...” era a senha... Não escapava uma... No “pêra, uva, maçã”, o clímax era o “salada de frutas”... Quanta ingenuidade... Horário para entrar... Faces vermelhas de pudor... Coração palpitando de ansiedade...

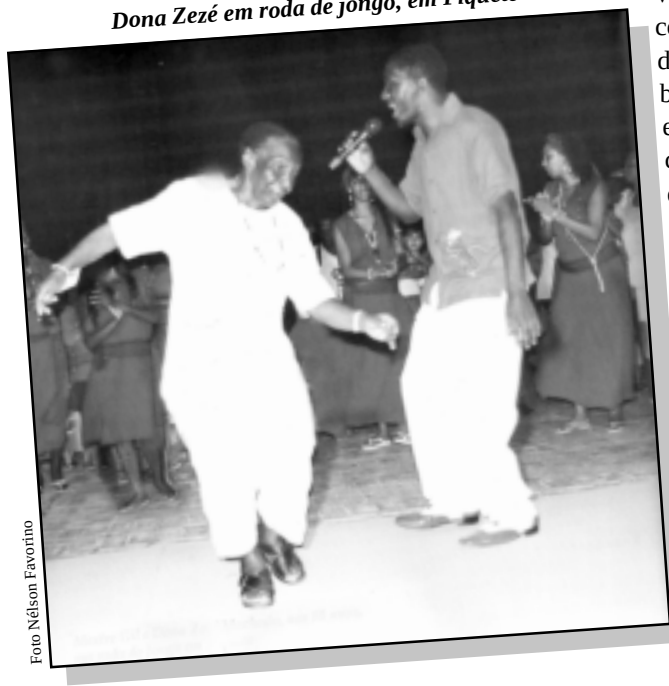
Os adolescentes de hoje têm tudo de maneira mais fácil... O primeiro contato se dá, normalmente, via internet... Assim, a intimidade revelada frente à tela acaba com a timidez e facilita o primeiro encontro... O beijo já não é tão difícil quanto antes... Pedir em namoro...? Coisa literalmente do século passado... Horário para estar de volta a casa? Por volta das 6h da manhã...

É... A liberdade e a revolução dos costumes vieram pra ajudar... Será? Sem saudosismo piegas, questiono-me se existe um real relacionamento entre adolescentes. A necessidade de inclusão num grupo leva também a partilhar o que nele é consumido... E aí entra o consumo de álcool e drogas...

Antes, valores familiares nos impediam de muitos atos, atualmente considerados normais... Impediam, portanto, excessos de todos os tipos... Hoje, muitos toleram o consumo social de drogas... O que era feito às escondidas, agora, é praticado abertamente... A polícia não consegue repreender a todos, alegando falta de efetivo... Os pais, ausentes na maior parte do tempo, fingem não enxergar... E lá se vão valores, família...

O consumismo desenfreado, incentivado pelo marketing de qualidade, apresenta objetos desejados... Deseja-se, porém, muito mais do que sua condição financeira pode oferecer... Como se satisfazer? Meios não faltam... Então, muitos são seduzidos por tráfico, contrabando, prostituição – muitas vezes glamourizada. Qual a saída? Estamos longe de descobrir... Se antes os seduzidos eram os mais pobres, hoje isso já não é verdade. Jovens da classe média – achata por diversos planos econômicos – vêm se envolvendo cada vez mais em ações criminosas. Há um sentido pra isso? A liberdade adquirida gerou a necessidade de transgressão, de auto-afirmação. Se, antes, a conquista era o desafio, a emoção hoje foi substituída pelo efêmero prazer das drogas, pela adrenalina da alta velocidade, dos rachas, das lutas entre gangues...

A solução? Retomada das raízes, da sensação de família, de união de valores como respeito ao próximo, crença, caráter! Não há outra saída! Retomemos o almoço de domingo, o culto aos mais velhos, o pedido de bênção aos pais... Resumindo: retomemos o amor!



Chuva Doce – uma resenha

“Na chuva doce, a evocativa memória esco / Compõe e constrói / Símbolos, mitos, histórias”

É ato livre do parto indolor da alma, fruto do ato de amor fertilizado pela memória do tempo eternizado. É chuva doce da poeta, que, como água viva, jorra para contrapontear aquela que hoje, sendo ácida, destrói.

Almas sensíveis constroem poesias em atos de amor.

Delas fazem, por circunstância e método, beleza, sonho, encantamento. Relevam a vida.

Disso se trata o livro da poeta Maria Luiza Reis Pereira Baptista, intitulado **Chuva Doce**, designado por poemas e composto por duas principais referências: o modo de se aproximar da natureza, nos seus efeitos ecológicos, e o modo de ser sensível às emoções humanas, com lirismo. Mas também, ao registrar a passagem do tempo, faz respingar nas memórias o suco e o sabor da sabedoria, transmutado em efemérides, testemunhos e invocações: *“mangueiras já quase centenárias, / firmem bem suas raízes / neste pedaço de chão / ancestral e sagrado de nossa terra / para que os vendavais e os homens / nunca nos privem / do seu verde, dos seus pássaros, / dos seus frutos e / da sua e nossa história”*.

E, para a *“figueira sesquicentenária”*, fiquem as ressonâncias *“das dobras da História”, “o galopar dos cavalos / o bater das rodas das carroças / e também os ruídos do trenzinho de Piquete”*. E mais, *“o coaxar dos sapos” (...)* *“e o roncar das águas do Paraíba”*, nas cheias.

Para Maria das Graças: *“Maria / a hora*

que te invocamos / é a hora da esperança”. Porque a esperança é necessária.

A poeta, telúrica nas chuvas, nas águas correntes, nos dias mornos de sol, e das noites frias, nos conduz para um lugar



cultuado entre rios e montanhas, de céu e terra, evocando o mar, longe dele, mas em terra pródiga vivenciada de amor.

A autora, sedutora, percorre o território dos sonhos despertada pela sensitiva e sensualizada relação dos seres e mitos.

Na evocação dos nomes emblemáticos, a história de raiz e os personagens de elite para dar vida e cor ao imaginário construído de História e Tempo, tentando ser compassiva com as diferenças.

À nossa romântica poeta faltaram, entretanto, por reforço enfático, os negros escravizados, da fertilização das terras, das gentes, dos sangues, pois, entre *“todos e todas”* na invocação, de Nossa Senhora da Piedade, eles também foram (...) *“daqueles que, de longe / aqui chegaram / entrela-*

çando seus destinos / no jogo da sorte / da vida e da morte”.

Os negros, citados levemente numa linha reprodutiva para a invocação da *“Senhora dos brancos e dos negros / e de seus filhos / cor de jambo / cor da Terra / cor da seiva / cor da vida”*,/... daí não passaram. Vivos reprodutores, branqueando a raça *“presa à cor da pele”*. Pois se *“Lorena é morena”*, subentendem-se as gerações dos cruzamentos, dado que é destes que se constitui a pele lorenense, valeparaibana, brasileira... Para quem lê, mergulhado na saudade, sintonizado na herança memorialística.

Ah! É bom lembrar da *“Capelinha de melão / é de São João / é de cravo, é de rosa, é de manjerição.”* Cantiga de roda de embalo. Crianças em coreografia feliz!

Toda uma História em seus acontecimentos enriquecendo os imaginários, reproduzindo-se nos versos, animando-se nas estrofes bem tecidas. Haveria muito a dizer, mas o melhor é ler e compartilhar. Acompanhar o caminho das águas. Fluir.

Encerrando, embora a vontade seja de continuar, como *“o trenzinho de Piquete”*, mergulhando *“na névoa da manhã, para além da ponte / para lá do rio / na curva do caminho”*, para ficarmos solidários entre nós e a poeta.

Assim, vamos embalados em cumprimentos, enquanto a chuva doce, apesar de ácida, segue seus roteiros...

Dóli de Castro Ferreira

Ainda Sobre o Memorial do Sr. Genário da Silva Coelho e Família

Uma história de amor

Lembrar antigos moradores da cidade é objeto da memória, da reconstituição de suas histórias de vida que se associam às nossas, no tecido das relações sociais e na referência às tradições.

Lembrar dessas pessoas pelo depoimento de familiares é atividade prazerosa, cuja recorrência, pelo aspecto testemunhal que contém, faz retomar o curso interrompido do tempo dos que já se afastaram de nosso convívio, temporariamente, ou para sempre. Retomar esses depoimentos faz parte do que constitui, historicizado, o relato oral, que, sendo de memória, tem caráter seletivo. A seleção depende dos afetos e dos modos pelos quais, por razões pessoais, familiares, de juízo e de interpretação, tornam as referências citadas, e muitas vezes repetidas pelas reiterações, tanto mais comuns quanto mais idosas as pessoas.

É assim que, na memória afetiva das filhas do casal Genário da Silva Coelho e de dona Adelaide, a rememoração do primeiro encontro dos dois é cercada de uma aura poética. Foi em Piquete. Local em que, pela primeira vez, o Sr. Genário (Vidinho) viu Adelaide (Lalá), muito jovens os dois. Ela estava no alto de uma escada colocando tijolos em uma construção. As pessoas trabalhavam em toda a atividade requerida; portanto, Adelaide ajudava a construir a casa familiar. Vidinho encantou-se. Amor à primeira vista – *“isto que é amor”*, repete uma das filhas! Mergulhado no tempo, esse momento é de beleza única. Sem dúvida, no tempo que tal acontecia, recatados os protagonistas desta história. Continham-se em suas posições. Como se o tempo das fadas fosse. Para construir sonhos na eternidade do momento.

O aguardo da licença dos pais para se aproximar de Adelaide, namorar, noivar, casar e constituir família demandava paciência e diplomacia de Vidinho, bem orientado pela própria família.

Não é, portanto, irrelevante lembrar o que a construção de uma casa, simbólica da construção de uma família pelos seus participantes, revela, na singularidade do exemplo, a trama dos eventos que dão base a uma comunidade. E, pelo seu reconhecimento, do recorte em conexão na qual os fios do tecido social de longa duração são elaborados. Para marcar a temporalidade e a vida. Para deixar rastros. Entre os fios dos relatos que nos ajudam a nos orientar no labirinto da realidade. Num inventário de reconhecimento de nossas próprias identidades.

Dóli de Castro Ferreira

Fotos Alzira Beckmann



(1) Entrega da estola roxa ao Padre Daniel Capucho, primeiro pároco da Paróquia de Santo Antônio; (2) O bispo diocesano, D. Benedito Beni, padres e diáconos presentes à cerimônia; (3) Renovação dos votos sacerdotais; (4) Assinatura da ata de instituição da Paróquia de Santo Antônio; (5) Bênção do Sacrário e (6) da Pia Batismal.

A instituição da Paróquia de Santo Antônio

Aconteceu, no dia 8 de novembro de 2007, na Igreja Matriz de Santo Antônio, em Piquete, a solene cerimônia de instituição canônica da paróquia de Santo Antônio. O evento, que foi realizado durante a celebração eucarística presidida por Dom Benedito Beni dos Santos, bispo diocesano de Lorena/SP, teve a participação de grande número de fiéis, além dos sacerdotes e diáconos Pe. Fernando Alves Sampaio, Chanceler do Bispado, Monsenhor Francisco Cândido da Silva, Monsenhor João Bosco de Carvalho, Pe. Rodrigo Fernando Alves, Pe. Alessandro Henrique das Chagas, Pe. Daniel de Oliveira, Pe. Severino Cícero Ferreira, Pe.

Lázaro Antônio Rodrigues, pároco de São Miguel Arcanjo, Pe. Rivelino Nogueira, mestre de cerimonial, e os diáconos Getúlio do Nascimento e Joaquim Gonçalves Filho. A cerimônia transcorreu conforme as rubricas e normas canônicas da Santa Sé de Roma e da Igreja particular de Lorena/SP. O primeiro pároco da nova paróquia, Pe. Daniel Capucho, após a homilia, renovou os compromissos do Ministério Sacerdotal e recebeu das mãos do bispo diocesano a chave do Sacrário e a estola roxa (significando o dever de ouvir confissões). Aconteceu, também, a bênção do batistério (onde nascem os novos cristãos).

A comunidade piquetense acorreu em peso à nova Matriz. Autoridades e personalidades estiveram presentes: O Prefeito Municipal, os vereadores Hugo Ricardo Soares e Evelize Chaves Reis (respectivamente Presidente e Vice-Presidente da Câmara Municipal), Claudinei da Delegacia e José Geraldo. A Fundação Christiano Rosa foi representada pela Presidente do Conselho Curador, Arquiteta Ana Maria Gouvêa, e o professor Francisco Máximo Ferreira Netto.

Ao fim da cerimônia, foram feitos os agradecimentos de praxe, a leitura da Ata e dada a bênção final pelo bispo diocesano Dom Benedito Beni dos Santos.

Revegetação de mata ciliar do ribeirão Limeira

Encontra-se em andamento a primeira fase do projeto “Recuperação de Matas Ciliares na Microbacia do Ribeirão Limeira”, em Piquete. Com financiamento do FEHIDRO e CEIVAP, a Fundação Christiano Rosa (FCR) irá plantar, durante o período das chuvas, mais de 20 mil mudas de oitenta espécies da Mata Atlântica, numa área de quatorze hectares. Para tanto, 20 homens trabalham na área, que já está

cercada e pronta para o plantio. O desdobramento desse plantio ao longo de todo o Limeira resultará na formação de um corredor de conectividade entre suas nascentes, em Área de Preservação Permanente da Mantiqueira, e sua foz, no Paraíba do Sul. Para execução do projeto do corredor foram levantados dados a partir de fotos aéreas, imagens de satélite, análises de solo

e água, e identificação dos proprietários, o que resultou num rico diagnóstico da bacia. Muitos dos proprietários contactados estão, agora, conscientes da importância de conservar e recuperar as matas ciliares, para garantir a saúde do ribeirão Limeira e a valorização de suas terras. Nessa primeira fase, o plantio acontecerá próximo às nascentes, em terras da IMBEL/FPV, parceira da FCR nesse projeto.



Fotos Arquivo Pro-Memória

Crônicas Pitorescas

Pontos...

Palmyro Masiero

Num daqueles estalos sem causa ou razão, veio-me à mente o “conceito” de ponto dado pelos geômetras, que diz, mais ou menos, que é uma grandeza considerada, por abstração, sem dimensão alguma. Trocando em miúdos: no duro, no duro, o danadinho não existe fisicamente, não podendo ser definido. Sem dar bola para os peritos em geometria, em nosso dia-a-dia usamos e abusamos dos “pontos”. E como a situação está mais pra lagartixa que pra jacaré, negócio é levá-los no vai da valsa.

“Ponto adiante”, que os Clodôs da vida dizem ser o que segue ao último que se deu em costura, provavelmente é o preferido dos profissionais da política; de pulo em pulo, almejam o “ponto culminante”. Só que nessa ânsia, às vezes seu “ponto estratégico” os leva ao “ponto de fusão”.

Nossa gramática está cheia de pontos. Alguns são interessantes: o trema, por exemplo, não dá pra comparar a um certo grupo que está no poder e cujo único fito é ficar sempre por cima? As reticências lembram muito o que realmente devia ser dito, mas que, voluntariamente, é omitido nas respostas da área econômica...

Existem certos países onde o “ponto de mira”, aquela proeminência no cano das armas e que traz o freguês bem ao “ponto de fogo” ou “ponto de bala” e despacha-o para o “ponto infinito”, é considerado “ponto pacífico”. Não deixa de ser um “ponto cruciante” dentro dos direitos humanos. Alguns dissidentes nesses países procuram avidamente um “ponto de partida” para chegarem a um “ponto de fuga”.

Certos rançosos políticos, assim como os Sívios Santos domingueiros, já caíram no “ponto de saturação”, da mesma forma que certas madames que têm seu “ponto preferido” nas colunas sociais estão beirando o “ponto crítico”.

“Ponto de encontro” é um tanto dúbio: beleza pura se for com uma gatona... mau,

para prestação de contas... aceitável, entre amigos; e famigerado se for com a justa...

Os trabalhadores não ficam de fora... Nada de “pontos fracos” por aqui. Se são melhoradinhos, têm o “livro do ponto”; mas, se são massórios mesmo, tá firme lá o “relógio de ponto”. Se o bicho “dormir no ponto” ou chegar tarde ao “ponto do ônibus”, terá “ponto negativo”, como acontece com a maioria nos “treze pontos” da loteca. Para consolo, tem o “ponto do bicho” pra uma fezinha...

Lembrei-me dos “pontos cardiais”, que creio supérfluos, pois parece que todo mundo já perdeu o “ponto de referência” e, no que se apegam com o “ponto de apoio”, geralmente são “pontos falsos”.

Os estudantes também têm seus “pontos” nas diversas disciplinas, que, na maioria dos casos, não tocam no seu “ponto de interesse” e acabam se tornando “pontos frios” e a escola em “ponto turístico”.

Tenho pena... Mas, fazer o quê? Os usuários passam tão longe dos “pontos de táxi”, como dos “pontos de macumba”. Desta forma, o “ponto crucial” do motorista de praça, que já anda em “ponto de resfriamento”, torna-se “ponto nulo”.

Temos o duplo “ponto e ponto”, locução adverbial predileta dos mineiros, que quer dizer que a coisa vai lenta e gradual. Tem exemplo na conjuntura...

Mas o bom, o “ponto forte”, o “ponto chave” de uma democracia é, sem dúvidas, o “ponto de vista”, em que todo mundo pode externar sua maneira de ver e entender um assunto ou questão.

Neste momento, como “ponto de honra”, prometo parar, “ponto e vírgula”, não desejo chegar ao “ponto de encher”, por três razões, “dois pontos”, primeiro, não deixar ninguém ao “ponto de estourar”; segundo, no “ponto neutro” e, finalmente, em “ponto morto”. Isso dito, “ponto final”.

Revisão do Eleitorado

A Excelentíssima Senhora Dra. KATIA MARGARIDO BARROSO, MM.^a Juíza Eleitoral da 337.^a Zona – Piquete/SP, no uso de suas atribuições, **Faz Saber** a todos os eleitores inscritos ou transferidos no Município de Piquete até 31/12/2006, pertencente à 337.^a Zona Eleitoral - Piquete, que, entre os dias **22/10/2007 e 05/12/2007**, exceto feriados, de segunda-feira a sexta-feira, no horário das **12h00 às 18h00**, no Centro dos Aposentados de Piquete, localizado à rua José Salomão, n.º 156, Centro, e aos sábados, dias **27 de outubro; 03, 10, 17 e 24 de novembro e 01 de dezembro**, e domingos, dias **25 de novembro e 02 de dezembro**, no horário das **10h00 às 18h00** no Cartório Eleitoral, anexo ao Fórum Distrital de Piquete, sito à rua Prof.^a Maria de Lourdes Brito Vilar, s/n.º, será realizada **Revisão do Eleitorado**, ficando

todos convocados a comparecer nos locais e horários indicados, devendo, obrigatoriamente, apresentar um documento do qual se infira a nacionalidade brasileira e um comprovante de endereço (...).

Observações:

- A lista especificando os documentos aceitos pode ser obtida nos locais e horários acima citados.

- Os documentos comprobatórios de residência poderão ser utilizados pelo cônjuge, filhos, tutelados ou sob guarda, e demais descendentes desde que comprovem essa situação. FAZ SABER, finalmente, que o não atendimento à presente convocação implicará no CANCELAMENTO DA INSCRIÇÃO ELEITORAL, nos autos do Processo n.º 037/2007, desta Zona, após apreciação individual de cada caso pelo Juiz Eleitoral. Nada mais.

A carpideira

Edival da Silva Castro

Gertrudes Escolástica, 39 anos, há pouco perdeu o emprego. Com filhos na escola, ficou desorientada, visto ajudar nas despesas da casa. Elaborou seu currículo e enviou-o às fábricas e indústrias da região. O tempo foi passando e nada de ser chamada.

Certa tarde, ali pelas 16h, uma amiga ligou-lhe e deu-lhe a notícia da morte duma pessoa do seu convívio. O corpo encontrava-se exposto no Velório Municipal.

Pelas 20h, Escolástica chegou ao velório. Foi até ao caixão, fez o sinal-da-cruz e, cabisbaixa, ficou a meditar.

As pessoas que se encontravam guardando o corpo estavam divididas em grupos: umas tomavam café, outras cochilavam num canto. Escolástica notou que as pessoas não estavam nem aí para a defunta. Os próprios familiares sussurravam entre si. Então, chegou outra vez perto do caixão, com cara de triste tirou o lenço da bolsa e começou a passá-lo nos olhos. Colocou-o na boca e começou a soluçar baixinho. Foi aumentando gradativamente o soluço, até começar a chorar alto. Choro imitativo. Todos voltaram-se para ela e nos grupinhos espalhados pela sala despertou tristeza em cada olhar. Logo viu-se muita gente esfregando os olhos e choramingando.

No dia seguinte, Escolástica comentou em casa o sucedido no velório. Disse aos familiares que teve de produzir o choro para chamar a atenção, visto os presentes estarem desrespeitando a defunta.

Por ter chorado fácil e comovido as pessoas, teve uma excelente idéia: doravante passaria a ser carpideira.

Não tardou, todos os jornais de grande circulação da cidade traziam nos classificados a seguinte nota:

“Quem precisar de uma especialista para chorar em velórios, funerais e túmulos, tratar com Gertrudes Escolástica, pelos telefones tais... O preço é acessível”.

Gertrudes Escolástica, sem querer, abraçou essa profissão, de bom grado; empenhou-se ao máximo. Quando deixava os velórios, os fazia de bolso cheio e sorriso largo. Desta forma, conseguiu dar rumo à sua vida, cuidar dos estudos dos filhos, ter carro do ano e, graças à procura, agora passou a cobrar pelo nome ou posição social do defunto.

Carpideira é uma profissão para artista; ter o dom do choro tem que nascer com ele. Quá-quá-quá...



Acesse, leia e divulgue o informativo

“O ESTAFETA”

www.fundacaochristianorosa.cjb.net

A verdadeira generosidade transforma as mãos humanas

Um grande desafio para os homens e as mulheres de nosso tempo, que vivem num mundo alicerçado no individualismo, é a aprendizagem da generosidade com os semelhantes. A verdadeira generosidade está em lutar para que, cada vez mais, as mãos dos homens se estendam menos em gestos de súplica de humildes a poderosos. E se façam, cada vez mais, mãos humanas que trabalhem e transformem o mundo.

A ordem social injusta gera, permanentemente, uma generosidade falsa que se nutre do desalento e da miséria. Existem muitas pessoas que só podem ser generosas porque antes criaram os desprovidos de dignidade, os excluídos e necessitados da ajuda alheia. (cf. *Paulo Freire*)

São Gregório de Nissa, em 330, escreveu um belo sermão aos mais abastados de sua época que se enriqueciam explorando trabalhadores escravos, mas socialmente possuíam a imagem de homens generosos por oferecer esmolas aos mais pobres: *Talvez dê esmolas. Mas se o pobre soubesse de onde vem teu óbolo, ele o recusaria, porque teria a impressão de morder a carne de seus irmãos. Ele te*

diria estas palavras corajosas: Não sacies minha sede com as lágrimas de meus irmãos. De que vale consolar um pobre se tu fazes outros cem?

No próximo ano teremos eleições municipais em todo o país. Muitos políticos, sobretudo no período eleitoral, costumam ser bastante “generosos” oferecendo, principalmente aos mais pobres, esmolas, empregos, tratamento de saúde... Enfim, muitas coisas capazes de conquistar o eleitorado menos instruído. Isso costuma ser uma tática eleitoral vitoriosa em nosso país. Para muitos políticos, é bom que o povo continue sempre necessitado de seus favores, de suas esmolas, em troca de votos. Eles não estão interessados no desenvolvimento real dos cidadãos; sabem que isto colocaria em risco o poder que possuem. Se o povo soubesse que, muitas vezes, os recursos que sustentam esses favores interesseiros são desviados dos cofres públicos, talvez não elegeisse mais esse tipo de político.

Logo se iniciarão os primeiros movimentos de campanha eleitoral. Desde já precisamos estar atentos para não sermos influenciados por essa falsa generosidade. Devemos eleger pessoas realmente interes-

sadas no bem dos piquetenses.

A luta pelo desenvolvimento de nosso município deve ser assumida por todos nós. Devemos nos unir aos munícipes que possuem real interesse de ver nossa gente cada vez menos dependente de favores alheios e mais capaz de produzir a própria história. Para assumir essa luta, precisamos ser generosos de verdade, nos colocar a serviço, doar um pouco de nosso tempo, nos envolver com grupos que procuram promover o bem, que trabalham pelos interesses da coletividade, e também dar nossa contribuição.

O bom andamento da vida social é responsabilidade de todos os membros da sociedade. Ninguém pode se omitir. É preciso que assumamos, com empenho, a parte que nos cabe no trabalho de construção de uma comunidade na qual todos possam ser inseridos e ter os diretos respeitados, não precisando mais mendigar favores. O primeiro passo a ser dado nessa luta é aprendermos a ser generosos, buscar não apenas o bem particular, mas sempre o bem de todos.

Pe. Fabrício Beckmann

Escola: espaço privilegiado de construção da identidade

Caro leitor... Falar de identidade parece simples. Afinal, a identidade nos é peculiar. Tudo bem; mas quem é mesmo você? O que o diferencia e o que torna um igual aos outros?

Não comece a dizer que você precisa de tempo, que isso não é algo que se responde facilmente. Há quanto tempo você convive com você mesmo? Vinte, quarenta, sessenta, setenta anos, e não sabe quem você é? .

Que tal sacar a carteira de identidade? Nela há informações importantes: seu nome, sobrenome, idade, sexo, naturalidade e nacionalidade. Que alívio, não? Nela há dados importantes sobre você. E o mais incrível é que não há outra pessoa com as mesmas características suas. Isso quer dizer que você é uma pessoa única, sem cópias e sem imitações. Você é você mesmo! Isso é incrível.

Mas, por outro lado, você tem também uma identidade que é coletiva. Provavelmente, você pertence a um grupo de brasileiros, naturais de Piquete, brancos ou negros, mulheres ou homens. Enfim, você é semelhante a outras tantas pessoas. Isso também é incrível! Como espécie, somos iguais, mas, enquanto indivíduos, somos diferentes.

Por tudo isso, falar de identidade é algo complexo e dinâmico. A construção da identidade é um processo que ocorre ao longo de toda a vida. Processo, porque envolve uma multiplicidade de valores,

situações, histórias, relações, pessoas; dinâmico, porque se dá em constante transformação.

Diferente dos animais, o homem não nasce com todas suas capacidades desenvolvidas. No início da vida, ainda quando bebê, não diferencia o seu eu do eu da mãe, por exemplo. Essa percepção vai se dando gradativamente. Mais tarde, ao ingressar no universo escolar, ocorrem novos marcos significativos na construção da identidade. A criança irá reconstruir o seu “EU” no grupo, nas relações com seus pares e com outros adultos.

A escola é, portanto, um espaço importante na percepção e construção da identidade. Ela pode ser um ambiente que possibilite a criança, ao jovem ou adulto se reconhecer como parte de um grupo. Isso lhe assegura uma identidade social e, ainda, a possibilidade de se reconhecer como único, como identidade pessoal.

Mas, como estarão nossas escolas trabalhando todas essas questões que envolvem o desenvolvimento da identidade? Os alunos têm assegurado o respeito à sua individualidade? Os professores o têm? As situações cotidianas favorecem o fortalecimento das diferenças que constituem as identidades? A escola é, de fato, um espaço aberto à diversidade e ao acolhimento das diferenças?

Fica a provocação...

Laura Cristina Chaves

FCR finaliza projeto

A Fundação Christiano Rosa (FCR) encerrou mais um de seus projetos: “Encontros Técnicos Temáticos da Mantiqueira”. Realizado em parceria com o Comitê das Bacias Hidrográficas da Serra da Mantiqueira (CBH-SM) e com financiamento do FEHIDRO, o projeto constou de seis encontros que tiveram a finalidade de debater, esclarecer e apresentar alternativas de solução para importantes questões priorizadas pelo CBH-SM.

No mês de novembro, aconteceram os três últimos encontros do projeto, realizados em São Bento do Sapucaí, Campos do Jordão e Santo Antônio do Pinhal.

Destinados especialmente a técnicos das Prefeituras integrantes do CBH-SM, representantes de usuários, sociedade civil e instituições com atuações na bacia hidrográfica, os encontros contaram com dinâmicas e palestras de renomados pesquisadores que trataram de questões como: outorga e cobrança pelo uso da água, saneamento, drenagem urbana, mananciais de abastecimento e resíduos sólidos.

Este é mais um projeto da FCR que se encerra com sucesso, confirmando a excelência em organização e o know-how na realização de seminários e encontros objetivos e produtivos que garantem boa aplicação dos recursos públicos disponibilizado pelo FEHIDRO.

IEV premia livro sobre Jongo de Piquete

Em noite festiva, no último 14 de novembro, o Instituto de Estudos Valeparaibanos (IEV), tendo à frente seu presidente, professor Nelson Pesciotta, entregou à Arquiteta Ana Maria de Gouvêa e ao professor Gilberto Augusto da Silva o Prêmio Cultural “Eugênia Sereno”, na categoria Folclore.

Essa distinção deve-se a obras publicadas de real interesse para os estudos valeparaibanos de 2007. A cerimônia, que contou com a presença do Bispo Diocesano de Lorena, D. Benedito Beni, do prefeito de Lorena, Dr. Paulo Neme, entre outras autoridades, foi abrilhantada pelo Coral Maria de Nazaré.

Foram quatro as categorias premiadas com o “Eugênia Sereno”. Além do livro “Jongo de Piquete: um novo olhar”, foram premiados “O Santo, a coroa e os reis”, de Alexandre Marcos Lourenço Barbosa, na categoria história local; “Uma casa paulista”, de Thereza e Tom Maia, na categoria Patrimônio Material; e “Monsenhor Luiz – o homem, o sacerdote e o mito”, de Carlos Alberto Fernandes Pinto, na categoria Biografia.

Na cerimônia, a medalha de mérito “Paulo Pereira dos Reis” coube à Maria Lucila Junqueira Barbosa, reitora da UNITAU, e a distinção cultural “Paulo

Camilher Florençano” foi concedida à Fundação Cultural Benedito Siqueira e Silva, de Paraibuna.

“O Jongo de Piquete: um novo olhar”

Organizado por Ana Maria Gouvêa e Gilberto Augusto da Silva, “O Jongo de Piquete: um novo olhar” é baseado em textos de Dóli de Castro Ferreira, Antônio Carlos Monteiro Chaves e Gilberto Augusto da Silva, elaborados para o processo que resultou no tombamento, pelo IPHAN, do Jongo do Sudeste como patrimônio imaterial. Conta, também, com ricas imagens de Nélson Favorino dos Santos que retratam os jongueiros e a trajetória do Jongo em Piquete.

Sempre com o apoio da Fundação Christiano Rosa, o grupo de jongo de Piquete vinha, havia algum tempo, procurando viabilizar recursos para desenvolver o projeto “Jongo de Piquete: um novo olhar”, no sentido de resgatar e divulgar valores ligados à história do Jongo, despertando a auto-estima da comunidade e aumentando o conhecimento sobre as raízes e as tradições da cultura negra. Assim, firmou, em 2006, com a Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, uma parceria para o desenvolvimento desse projeto, que tinha entre seus produtos finais a obra homônima, que agora recebeu o prêmio Eugênia Sereno.



Fotos Arquivo Pró-Memória



De música e de riqueza

Abigayl Lea da Silva

O maestro Winton Marsalis, americano, e o maestro Seiji Ozawa, japonês, prepararam uma série de muita utilidade para estudantes de música e demais interessados.

O maestro Marsalis se postava diante de sua Orquestra de Jazz; o maestro Ozawa conduzia uma orquestra formada por estudantes de música erudita.

Para demonstrar a diferença de tratamento da mesma composição musical, na visão jazzística e na visão erudita, o maestro Marsalis fazia uma introdução teórica e, em seguida, cada orquestra executava conforme os seus cânones.

O empenho dos consagrados maestros abriu muitas mentes para a capacidade ilimitada que tem o ser humano de produzir beleza com sons e silêncios.

A execução quase miraculosa da orquestra de Marsalis nos chama a atenção para a riqueza musical das Américas.

Nos Estados Unidos, além do jazz, encontramos blues, spiritual, foxtrot, rock e country.

E ninguém passa indiferente pela América Central. Quem consegue tirar notas musicais de tambores de combustível não há dúvida de que tem cérebro e mãos de músico.

Rumba, mambo, reggae agradam os ouvidos e agitam os corpos onde que sejam apresentados.

Na América do Sul, o Brasil acumula bens valiosos em gêneros musicais.

A diversidade étnica proporcionou contribuições de várias vertentes. É o boi-bumbá e o coco; é o maracatu e o frevo; é a toada e a moda; é o fandango e o pagode; é o xote e a axé; é o xaxado e o maxixe; é a rancheira e o jongo; é a ciranda e a catira; é o baião e o rasqueado; é a marchinha e a marcha-rancho; é o choro e o samba – umas associadas a danças, outras não, mas sempre revelando a alma pluriétnica brasileira.

Tinha de ser assim; tinha de emparelhar-se à natureza de Brasil; tinha de fazer frente à “algazarra de araras, sagüis e cigarras”.

Aproveito a oportunidade do Dia da Consciência Negra para exaltar – do Maestro Marsalis ao Maestro Pixinguinha – a contribuição que os afro-descendentes deram à música das Américas.

“Sem a cultura, e a liberdade relativa que ela pressupõe, a sociedade, por mais perfeita que seja, não passa de uma selva. É por isso que toda criação autêntica é um dom para o futuro.”

Albert Camus (1913 / 1960)